



DESIGUALDADE SOCIAL E PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS ZONAS FRONTEIRIÇAS DA PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA

SOCIAL INEQUALITY AND STAYING AT UNIVERSITY: AN ANALYSIS FROM THE BORDERLANDS OF SEMIOTIC CULTURAL PSYCHOLOGY

DESIGUALDAD SOCIAL Y PERMANENCIA EN LA UNIVERSIDAD: UN ANÁLISIS BASADO EN LAS FRONTERAS DE LA PSICOLOGÍA CULTURAL SEMIÓTICA

 <https://doi.org/10.56238/levv16n51-051>

Data de submissão: 19/07/2025

Data de publicação: 19/08/2025

Evelyn da Silva Santos

Graduanda em Psicologia

Instituição: Universidade Federal da Bahia

E-mail: evelyndasilvasts@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5218-5135>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8587719681737326>

María Virgínia Machado Dazzani

Doutorado em Educação

Instituição: Universidade Federal da Bahia

E-mail: vdazzani@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5303-3576>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/35853603384297>

Beatriz Ribeiro Cortez Cardozo Barata de Almeida Hessel

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia

Instituição: Universidade Federal da Bahia

E-mail: beatrizhessel92@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1629-3392>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1031813993649449>

RESUMO

Este estudo buscou contribuir para a compreensão das dificuldades enfrentadas e fronteiras atravessadas pelos estudantes de camadas populares nos cursos de Medicina, Direito e Engenharia Civil, considerados de alto prestígio da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a partir da influência dos marcadores sociais em suas trajetórias e da investigação do papel do Programa de Assistência Estudantil na sua permanência. O principal objetivo consistiu em analisar a influência exercida pelo contexto socioeconômico na formação desses estudantes, tendo como pontos-chave da trajetória: escolha do curso, contexto socioeconômico e permanência na universidade. Para tal, foi aplicado um questionário socioeconômico e realizada uma entrevista compreensiva com três estudantes, ou seja, um de cada curso e, por fim, a análise de conteúdo qualitativa das respostas. Chegou-se à conclusão

de que o contexto socioeconômico é um ponto crucial para esses graduandos, e o Programa de Auxílio Estudantil tem um papel fundamental em sua permanência. Além disso, foram explicitados os momentos cruciais do atravessamento das linhas fronteiriças presentes tanto no contexto pré-universitário (do vestibulando) quanto durante o curso de graduação (do universitário), chegando à conclusão de que a universidade é uma zona fronteiriça entre o presente e o que se espera do futuro atrelado à mobilidade social. Conclui-se que tais estudantes passam por desafios financeiros e acadêmicos, e o auxílio estudantil representa uma ferramenta para lidar com o novo contexto e as novas necessidades que emergem a partir do atravessamento para a fronteira institucional, tornando-se um signo promotor do atravessamento de fronteiras, ou seja, um elemento facilitador para a sua permanência na zona fronteiriça. Por fim, o estudo buscou contribuir para a compreensão das dificuldades enfrentadas e fronteiras atravessadas pelos estudantes de camadas populares em alguns dos cursos de alto prestígio da UFBA, investigando o papel do Programa de Assistência Estudantil na sua permanência dentro da universidade, orientando a eventual e possível manutenção dos programas de auxílio estudantil.

Palavras-chave: Fronteiras. Universidade. Contexto Socioeconômico. Cursos de Alto Prestígio.

ABSTRACT

This study sought to contribute to an understanding of the difficulties faced and boundaries crossed by students from working class backgrounds in the highly prestigious Medicine, Law and Civil Engineering courses at the Federal University of Bahia (UFBA), based on the influence of social markers on their trajectories and an investigation into the role of the Student Assistance Program in their permanence. The main objective was to analyze the influence exerted by the socio-economic context on the education of these students, taking as key points in the trajectory: choice of course, socio-economic context and permanence at university. To this end, a socio-economic questionnaire was administered and a comprehensive interview was conducted with three students, one from each course, followed by a qualitative content analysis of the responses. It was concluded that the socio-economic context is a crucial point for these undergraduates, and the Student Aid Program plays a fundamental role in their permanence. In addition, the crucial moments of crossing the borderlines present both in the pre-university context (of the university student) and during the undergraduate course (of the university student) were explained, reaching the conclusion that university is a border zone between the present and what is expected of the future linked to social mobility. The conclusion is that these students face financial and academic challenges, and student aid represents a tool for dealing with the new context and the new needs that emerge from crossing the institutional border, becoming a sign that promotes the crossing of borders, in other words, an element that facilitates their permanence in the border zone. Finally, the study sought to contribute to an understanding of the difficulties faced and borders crossed by students from working class backgrounds on some of UFBA's highly prestigious courses, investigating the role of the Student Assistance Program in their permanence at the university, guiding the eventual and possible maintenance of student aid programs.

Keywords: Frontiers. University. Socio-economic Context. Highly Prestigious Courses.

RESUMEN

Este estudio buscó contribuir a la comprensión de las dificultades enfrentadas y de las fronteras cruzadas por estudiantes de clase trabajadora en los prestigiosos cursos de Medicina, Derecho e Ingeniería Civil de la Universidad Federal de Bahía (UFBA), a partir de la influencia de los marcadores sociales en sus trayectorias y de una investigación sobre el papel del Programa de Asistencia al Estudiante en su permanencia. El objetivo principal fue analizar la influencia ejercida por el contexto socioeconómico en la formación de estos estudiantes, tomando como puntos clave en su trayectoria: elección del curso, contexto socioeconómico y permanencia en la universidad. Para ello, se administró un cuestionario socioeconómico y se realizó una entrevista exhaustiva a tres estudiantes, uno de cada curso, seguida de un análisis de contenido cualitativo de sus respuestas. Se concluyó que el contexto socioeconómico es un punto crucial para estos estudiantes universitarios, y el Programa de Ayuda al



Estudiante juega un papel fundamental en su permanencia. Además, se explicaron los momentos cruciales de cruce de fronteras presentes tanto en el contexto preuniversitario (del estudiante que solicita el ingreso en la universidad) como durante el curso de grado (del estudiante universitario), llegando a la conclusión de que la universidad es una zona fronteriza entre el presente y lo que se espera del futuro vinculado a la movilidad social. La conclusión es que estos estudiantes enfrentan desafíos financieros y académicos, y la ayuda estudiantil representa una herramienta para enfrentar el nuevo contexto y las nuevas necesidades que surgen al cruzar la frontera institucional, convirtiéndose en un signo que promueve el cruce de fronteras, es decir, un elemento facilitador para su permanencia en la zona de frontera. Finalmente, el estudio buscó contribuir a la comprensión de las dificultades enfrentadas y las fronteras cruzadas por los estudiantes de sectores populares en algunas de las carreras de alto prestigio de la UFBA, indagando sobre el papel del Programa de Ayuda Estudiantil en su permanencia en la universidad, orientando el eventual y posible mantenimiento de los programas de ayuda estudiantil.

Palabras clave: Fronteras. Universidad. Contexto Socioeconómico. Cursos de Gran Prestigio.

1 INTRODUÇÃO

1.1 DESIGUALDADE SOCIAL E PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE: UMA PROBLEMATIZAÇÃO

O ingresso do estudante de camadas populares no ensino superior é uma oportunidade de mobilidade social, diretamente relacionada ao mercado de trabalho. Para essas pessoas, a universidade é um sonho alimentado pelo desejo de “ser alguém na vida” - tornando-se, segundo Brocco (2017) e Teixeira (2017), um local para aquisição do capital institucionalizado que será convertido em capital econômico. Tais estudantes realizam esse sonho através dos programas de incentivo estudantil, pela própria iniciativa e autodeterminação e, muitas vezes, contam também com a mobilização e incentivo familiar. Decerto, a democratização de acesso ao ensino superior é uma conquista significativa; entretanto, não se deve ignorar o fato de que, ao chegar na universidade, esses jovens enfrentam barreiras e obstáculos para a sua permanência que vão além da situação financeira, algumas vezes levando-os à evasão.

Para os propósitos deste artigo, será importante conceituar fronteiras e self dialógico sob a ótica da psicologia cultural semiótica, uma vez que tais conceitos e suas consequências desempenham um papel crucial na vida dos estudantes. Além disso, serão exploradas as fronteiras simbólicas que os estudantes de camadas populares enfrentam nessa trajetória, indo desde sua escolha pelo curso até a permanência, ou evasão. Ademais, será discutido o impacto dos Programas de Assistência Estudantil nas suas trajetórias acadêmicas.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS DO ESTUDO

Por isso, é importante voltar o olhar para a trajetória e a experiência desses estudantes que, historicamente, foram excluídos do espaço acadêmico, buscando entender qual é a influência dos marcadores sociais na trajetória dos estudantes universitários de camadas populares em cursos de alto prestígio na Universidade Federal da Bahia (UFBA), atrelado ao entendimento do funcionamento da construção do self de tais estudantes.

Estudantes cujas famílias estão em profissões valorizadas socialmente tendem a ingressar em carreiras similares. Dessa forma, os cursos de alto prestígio social são os espaços privilegiados de inserção de estudantes pertencentes às classes mais privilegiadas da sociedade, em sua maioria brancos. Uma parcela considerável dos estudantes dos chamados cursos de alto prestígio social - Medicina, Direito, odontologia, administração, ciências da computação, engenharia elétrica, psicologia, Engenharia Civil, engenharia mecânica, arquitetura e engenharia química - retrata essa situação (QUEIROZ, 2004; OLIVEIRA, 2017). Para esta pesquisa, foram escolhidos estudantes dos cursos de Medicina, Direito e Engenharia Civil.

O objetivo principal da pesquisa foi analisar a influência exercida pelos marcadores sociais na trajetória de formação dos estudantes de camadas populares, tendo como pontos-chave da trajetória: a escolha do curso, o contexto socioeconômico do estudante universitário e a permanência na universidade. Para tal, os objetivos específicos consistiram em: 1) estabelecer a noção de membrana enquanto fronteira ou limite semiótico entre os diferentes contextos de experiência durante a trajetória dos estudantes, bem como investigar os momentos cruciais do atravessamento das fronteiras, observando as linhas fronteiriças, 2) entender as posições do self dos estudantes durante a sua trajetória e 3) investigar quais artifícios têm sido usados para a permanência, ou não permanência, dos estudantes nos cursos de alto prestígio.

O estudo concentrou-se em três estudantes universitários de camadas populares dos cursos de “alto prestígio” da Universidade Federal da Bahia (UFBA), um de cada curso aqui referido, inscritos em programas de permanência estudantil. A instituição de vinculação dos estudantes foi escolhida por acessibilidade.

2 METODOLOGIA

2.1 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

A partir do exposto, o estudo utilizou-se da pesquisa qualitativa através da qual pretendeu investigar o significado da vida das pessoas no ambiente e na realidade em que estão inseridas; representar perspectivas e opiniões dos participantes estudados, em que tais relatos representam os significados fornecidos aos fatos da vida singular de cada um; abranger as condições sociais, institucionais e ambientais dos integrantes investigados; guiar-se em direção à explicação dos acontecimentos, seja por meio de conceitos emergentes ou existentes; coletar, integrar e apresentar dados de diversas fontes de evidências (YIN, 2016). Dessa forma, tal abordagem foi a que melhor contemplou os objetivos do estudo. Ademais, o delineamento da pesquisa ocorreu por meio do estudo de casos, utilizando-se de entrevistas individuais e aplicação de um questionário para levantamento de dados sociodemográficos dos participantes. Posteriormente, a análise de dados deu-se por categorias estabelecidas *a posteriori*.

2.2 PROCEDIMENTOS DE CO-CONSTRUÇÃO DE DADOS

O principal objetivo do estudo foi investigar de que forma os marcadores sociais influenciam a trajetória de estudantes universitários de camadas populares, possibilitando aos participantes um espaço de interlocução para que eles se tornem o difusor de sua própria história. Partindo do pressuposto explicitado por Lopez (2008), de que a narrativa histórica transmite visões de mundo e valores do indivíduo, ajudando na compreensão do que se vive hoje e do futuro que se busca, diante de uma abordagem qualitativa utilizou-se a técnica da entrevista compreensiva, a qual proporciona um

momento de compartilhamento entre entrevistador e entrevistado. A entrevista compreensiva promove o estabelecimento de uma conversa em que o entrevistado desempenha o papel central ao ser ouvido integralmente, não sendo interrogado a respeito da sua opinião, mas sim do seu saber, um saber que o entrevistador não tem. Ainda de acordo com tal técnica de coleta de dados, há a recusa pela elaboração de diversas perguntas, deixando que o entrevistador conduza a conversa a partir dos pontos que quer alcançar, sabendo que desse momento resultará a melhor pergunta que poderia ser feita a partir do que foi dito pelo entrevistado naquele momento (FERREIRA, 2014).

Dessa forma, a finalidade da entrevista compreensiva vai além da extração de dados, passando pela construção de movimentos de troca, proximidade e distanciamento, os quais levam ao acesso pleno da informação, à produção de hipóteses, à observação e à interpretação dos dados. Conforme Silva (2018), durante a entrevista, o entrevistador assume uma posição de escuta ativa, mantendo a escrita em segundo plano, utilizando-se de perguntas disparadoras buscando a promoção de uma troca profunda entre os dois indivíduos, levando às respostas das questões essenciais.

Logo, as perguntas que foram elaboradas buscaram: 1) compreender a trajetória de escolha do curso do estudante, 2) coletar informações sobre as experiências vividas durante a trajetória na universidade, 3) identificar quais estratégias foram adotadas pelos estudantes para a permanência nos cursos de alto prestígio. É importante observar que novas perguntas foram surgindo conforme as respostas de cada participante. As questões norteadoras foram as seguintes:

1. Conte-me sobre como foi a escolha pelo seu curso. Quando foi essa tomada de decisão?
2. Como tem sido a sua experiência enquanto estudante oriundo de camadas populares dentro do seu curso?
3. Você poderia falar sobre a sua experiência relacionada ao auxílio permanência durante a sua trajetória na universidade?

2.3 ANÁLISE DE DADOS

As entrevistas foram transcritas e analisadas juntamente com as anotações fichadas no diário de campo e a gravação em áudio, visando uma maior compreensão e consistência dos dados analisados.

Além disso, considerando a importância da coleta e produção de dados, em um primeiro momento foi compartilhado com os participantes um formulário sociodemográfico elaborado no Google Formulário. A escolha do uso dessa ferramenta visou a análise dos dados por meio de gráficos gerados automaticamente a partir da resposta. As perguntas envolveram: 1) raça/etnia; 2) situação socioeconômica, 3) gastos fixos mensais e 4) tipo de bolsa permanência.

Por sua vez, o método utilizado para a análise dos dados foi por categorias estabelecidas *a posteriori*. Após a leitura integral do conteúdo das entrevistas, foram identificados dois grandes tópicos relacionados à vida dos entrevistados: 1) Diferentes contextos da experiência, que se divide

entre: a) Contexto socioeconômico e o estudante pré-universitário: trajetória até a universidade e a escolha do curso e b) Contexto socioeconômico e o estudante universitário; e 2) Relação com o auxílio estudantil: os impactos na permanência na universidade.

Tais categorias foram estabelecidas por buscar seguir uma linha do tempo cronológico relacionados aos fatos vivenciados: Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)/Vestibular (que contempla a escolha do curso), ingresso na universidade e trajetória na instituição. Por fim, no intuito de contribuir para a análise dos resultados, foi realizada uma revisão de literatura sobre o tema, usando os seguintes descritores: “camadas populares”, “universidade”, “estudantes universitários e contextos socioeconômicos”, “auxílio de permanência estudantil”, e “estudantes cotistas”. As buscas foram realizadas por meio do Portal de periódico da CAPES e do Google Acadêmico, além de materiais e livros aos quais as pesquisadoras do presente estudo tiveram acesso.

2.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O sigilo e o anonimato dos participantes foram respeitados, optando-se pelo uso de nomes fictícios para cada um deles. O estudo recebeu a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (CAAE nº 28764219.9.0000.5686), e seguiu todos os preceitos éticos das resoluções nº 510/2016 e nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, o qual normatiza estudos com seres humanos.

3 RESULTADOS

3.1 ANÁLISE DESCRIPTIVA DOS DADOS SOCIOECONÔMICOS LEVANTADOS

Abaixo estão os dados socioeconômicos coletados através de formulário do Google:

Tabela 1: Dados Socioeconômicos - Seção 01

Pergunta	Pequeno Príncipe	Caculé	Robin
Qual curso você faz na UFBA?	Medicina	Direito	Engenharia
Quantas pessoas moram em sua residência (incluindo você)?	4	3	4
Como você se declara?	Preta	Pardo	Parda
Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?	De 2 a 5 salários mínimos	De 1 a 2 salários mínimos	De 2 a 5 salários mínimos
Qual é a sua renda mensal,	Até 1 salário mínimo	R\$ 700	Até 1 salário mínimo

aproximadamente?			
Você trabalha? Caso sim, qual é a sua ocupação?	Não trabalho, apenas faço estágios	Estágio em umas das unidades da universidade	Não, comecei agora uma monitoria em uma disciplina na universidade, então ainda estou no aguardo da bolsa.
Qual bolsa de assistência estudantil você recebe?	Alimentação	Moradia	Transporte
Você considera a bolsa que você recebe atualmente satisfatória para arcar com suas necessidades?	Não	Sim	Não
Faz quanto tempo desde o seu primeiro auxílio fornecido pela UFBA (pode ser com relação a bolsas recebidas no passado)	Mais de 3 anos	Menos de 1 ano	Mais de 3 anos

Fonte: as autoras

Dois dos três estudantes responderam que moram em uma casa com 4 pessoas. Dois estudantes se autodeclararam pardos e um estudante se autodeclarou preto. Dois estudantes (uma preta e uma parda) indicaram uma renda familiar de 2 a 5 salários mínimos e renda individual de até 1 salário mínimo. Dois estudantes (uma preta e uma parda) não consideram a bolsa que recebem atualmente satisfatória, e ambos receberam seu primeiro auxílio estudantil há mais de três anos. Apenas um estudante indicou que considera a bolsa que recebe atualmente satisfatória e o seu primeiro auxílio estudantil foi recebido há menos de um ano. Os auxílios estudantis que os participantes recebem atualmente são: moradia, alimentação e transporte. Com relação à ocupação, nenhum deles possui trabalho formal. Dois deles indicaram que realizam estágio remunerado.

3.2 ANÁLISE QUALITATIVA DAS ENTREVISTAS

Como explicitado anteriormente, para a análise qualitativa de abordagem categórica, dividiu-se o teor das entrevistas em dois tópicos principais - sendo o primeiro composto por dois subtópicos - estabelecidos posteriormente à sua realização, a partir das respostas dos participantes, baseados nos objetivos específicos do estudo:

1. Diferentes Contextos da Experiência
 - a. Contexto Socioeconômico e o estudante pré-universitário: trajetória até a universidade e escolha do curso
 - b. Contexto socioeconômico e o estudante universitário

2. Relação com o auxílio estudantil: os impactos na permanência na universidade

A partir dessa divisão, foi produzida a seguinte análise da dados em cada caso:

3.2.1 Primeiro Caso: Pequeno Príncipe

Pequeno Príncipe cursa Medicina, está no 5º semestre, tem 25 anos e é uma mulher cis, nascida em Feira de Santana, Bahia. Mora em uma casa com mais 03 pessoas, se autodeclara preta e tem uma renda mensal de até um salário mínimo. Fez estágios durante toda a sua trajetória na UFBA na área de saúde e recebeu o auxílio direcionado à alimentação, tendo recebido o seu primeiro auxílio há mais de três anos. Não considera que a bolsa que recebe atualmente é satisfatória para arcar com suas necessidades.

A estudante fazia o curso de enfermagem em sua cidade natal, tendo trancado-o por “sentir um vazio”. Fez o Bacharelado Interdisciplinar (BI) em Saúde na UFBA e passou entre os primeiros quatro lugares para Medicina.

1. Diferentes Contextos da Experiência

a. Contexto socioeconômico e o estudante pré-universitário: trajetória até a universidade e escolha do curso

Pequeno Príncipe queria cursar Medicina desde o ensino médio, entretanto, passou por dois cursos antes de optar por Medicina: primeiro, cursou enfermagem em sua cidade, mas evadiu por sentir que “*faltava alguma coisa. Normalmente onde parava a responsabilidade de enfermeira e começava do médico*”. Em seguida, prestou vestibular para o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BI), na UFBA, uma vez que “*pelo menos lá eu vou ter, eu vou estar num curso superior [...] vai me dar opções, eu vou ter opções, eu posso acabar caindo Medicina*”. Mesmo sabendo que queria Medicina, ela relata que demorou “*muito para escolher porque eu vivi o BI aberta assim, várias opções de pegar matérias em outros cursos e realmente ver se me apaixonava por outra coisa*”. No fim, a escolha por Medicina ocorreu por exclusão de outras possibilidades “*menos distantes*”, já que ressalta que Medicina era um “*lugar distante*” e que não sabia se o merecia:

Poxa, mas não sei se eu mereço estar aqui onde estou agora. Na época era um lugar muito distante, então acho que eu só escolhi que eu queria Medicina propriamente dito no último ano do BI, porque eu realmente fui pelo todos os caminhos dos cursos da saúde e vi que nenhum outro me contemplava da mesma forma que me brilhava os olhos quando eu tava nas matérias de med, coisas assim. Então eu acho que é mais ou menos aí que eu escolhi. Eu acho que vem do começo, mas a decisão final foi por... por exclusão. (Pequeno Príncipe)

Na escolha de carreiras na trajetória escolar, há várias facetas. Como defendido por Vargas (2010), a escolha por um curso superior pode ser resultante de um conjunto de percepções que

envolvem crenças e valores, sejam elas formuladas explicitamente ou aceitas de forma implícita como conhecimento prático que o indivíduo mantém sobre si e o ambiente em que atua. Ou seja, utilizando a perspectiva do self dialógico, a escolha por Medicina enquanto na posição “eu estudante de Bacharelado Interdisciplinar” foi adiada por uma autopercepção de distância do curso e da profissão.

No caso de Pequeno Príncipe, foi possível notar que sua relutância pela escolha do curso estava relacionada ao sentimento de não merecimento para estar ali. O curso de Medicina era visto como um “lugar muito distante”. Tal distância diz respeito a uma hierarquia de profissões que é reforçada quando se tem graduandos mais elitizados socioeconomicamente reunidos nas profissões imperiais e os menos elitizados nas profissões com “menos prestígio”¹, simbolicamente falando (VARGAS, 2010). Brocco (2014) constatou em seus estudos que a variação no comportamento dos vestibulandos, ao escolherem o seu curso superior, está relacionada às diferenças em seu perfil socioeconômico e escolar.

Na mesma linha, Pequeno Príncipe relata que no terceiro ano do ensino médio decidiu que ia “*prestar o vestibular para Medicina, só que ainda com muita insegurança, porque era um curso muito concorrido, etc. Tinha muito receio [...]*”, optando por farmácia, já que na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/Bahia) só abriam vagas para Medicina uma vez por ano:

e aí no semestre que não tinha Medicina, eu prestei vestibular para testar, para não perder o ritmo e passei para enfermagem. E aí eu acabei entrando em enfermagem por pressão, assim, meu pai pediu muito de tipo “nossa você não pode deixar passar uma oportunidade dessa”, “é um curso parecido, acho que você deveria ir”. E aí eu fui. (Pequeno Príncipe)

No entanto, no decorrer do tempo, ela percebeu que “faltava alguma coisa” optando por prestar para a BI (Bacharelado Interdisciplinar) em Saúde, e relata que, durante o curso, estava em constante tentativa por “se apaixonar por outros cursos”, enfrentando uma trajetória de dúvidas e incertezas com relação o futuro:

para ver se me apaixonava por outra coisa. Mas eu sei bem quatro anos que eu peguei a pandemia toda no BI, me mostraram o quanto os outros cursos não me agradavam em diversas formas e me deixou novamente no, no... caminho do beco sem saída. Assim de você gosta de Medicina e é isso. (Pequeno Príncipe)

Tal estratégia recorre a uma maneira de racionalizar suas expectativas, já que não considerava ser merecedora do curso de Medicina. Esse sentimento é explicado por Brocco (2014), que exemplifica tal racionalização ao citar estudantes que gostariam de cursar Medicina, mas podem optar por farmácia,

¹As chamadas “profissões imperiais” (Medicina, Direito e Engenharia) reúnem graduandos mais elitizados em relação a renda familiar, sua situação de trabalho e a titulação de seus pais, do que aqueles que estão inseridos nas carreiras de plano médio ou inferior relacionadas às licenciaturas (Biologia, Matemática e Letras). Para além do fenômeno simbólico de seu prestígio diferencial, evidencia-se outra faceta de seu pertencimento social, pela condição socioeconômica do alunado. (VARGAS, 2010 conforme BROCCO, 2014, p. 08).

por exemplo, uma vez que o segundo é um curso de mais fácil acesso na área da saúde, e o primeiro costuma ter um maior número de candidatos concorrentes por vaga.

Quando Pequeno Príncipe optou por Medicina e excluiu outras possibilidades, ainda assim, duvidava muito que conseguiria alcançar seu objetivo. Ela relata que:

Foi sensacional a sensação de vitória, porque eu tava, eu duvidei até o último segundo. Assim, eu achei que eu ia passar nas últimas vagas, mesmo todo mundo dizendo nossa, você tá bem. E eu não acreditava. Eu passei em quarto lugar e para mim era impossível, eu quase desisti de voltar aqui em Salvador e ia voltar para Vitória da Conquista, porque eu sempre duvidei muito que eu podia chegar. (Pequeno Príncipe)

b. Contexto socioeconômico e o estudante universitário

Logo ao ingressar no curso de Medicina, Pequeno Príncipe se deparou com a matéria de anatomia, onde, em vários momentos, achava que não daria conta por ser “coisa demais”, abrindo espaço para inseguranças relacionadas ao seu desempenho enquanto profissional, mas, aos poucos, foi percebendo que conseguiria dar conta, passando por uma mudança: “*olhar primeiro como ‘meu deus, estou entrando num lugar que era inabitável, impossível me ver ali’ e depois pisar na realidade de que vai ter coisas que vão ser difíceis, mas eu vou me aprender, eu vou me adaptar e me adaptei*”.

No início do curso, Pequeno Príncipe percebeu que muitos assuntos tinham relação com conceitos aprendidos durante a trajetória escolar pregressa da maioria dos estudantes, conceitos que não fizeram parte da sua própria trajetória, a exemplo da matéria de Anatomia. Brito (2016) afirma que tal consequência vem de dificuldades de interação e desenvolvimento desses estudantes diante dos conteúdos abordados no curso superior. Ainda de acordo com a autora, tais desafios enfrentados são consequência das “defasagens” que esses jovens vivem durante a sua trajetória de vida escolar e as limitações enfrentadas pelo ensino público precário.

Quando questionada sobre as suas percepções enquanto estudante de camada popular em relação ao curso de Medicina, a participante enfatiza que, apesar de estar em uma turma diversa e “não tão elitizada”, ainda permeiam lógicas que “não são para todo mundo” em que “o dinheiro fala mais forte”:

Então, eu acho que é difícil estar num lugar que não é feito para você, que é feito para lhe atrapalhar, porque não é feito para que você trabalhe, não é. Não tem uma realidade fácil. Não, eu não trabalho. Outras pessoas têm que trabalhar, mas não é feito para isso, não é feito para pensar a individualidade, tem um discurso até muito bonito em alguns semestres de olhar no cuidado, mas eu acho que está muito aquém de olhar para as necessidades das camadas populares. (Pequeno Príncipe)

Para Brito (2017), durante toda a trajetória dentro da universidade (desde o ingresso à permanência) não faltam obstáculos para os jovens de camadas populares, considerando que após a conquista do ingresso na universidade surgem novos desafios ligados à sua sobrevivência nesse

ambiente, como os custos relacionados à alimentação, deslocamento e vestimentas. Além disso, para aqueles que deixaram suas casas, há custos com aluguel, por exemplo. Como relata a participante, esses jovens “pagam para estudar”, mesmo em uma universidade pública.

O traço mais marcante de Pequeno Príncipe em sua trajetória é a sua participação em estágios internos da UFBA, principalmente na área de saúde, e o que mais a incomoda é a precariedade de estágios remunerados e bolsas de monitoria no curso de Medicina, gerando uma super valorização do trabalho voluntário aos estudantes do curso, que costumam “pagar para estudar”, tal como relatado a seguir:

As monitorias são voluntárias e as pessoas vão se voluntariando. Então acaba que o aluno de Medicina, ele tem muitas atividades voluntárias, mesmo que na realidade dele, ele necessite do dinheiro para se manter ali. Então acaba tendo uma ideologia de que o aluno de Medicina tem dinheiro para se manter e ele vai pagar para estudar, porque a gente acaba pagando no sentido de ir para os lugares de extensão, estágio. (Pequeno Príncipe)

Atualmente, Pequeno Príncipe está trabalhando em uma monitoria remunerada e realiza estágio em um dos institutos de saúde da universidade, como descrito no trecho abaixo:

Acho que eu já fui muito voluntária nessa faculdade. Agora eu tô dizendo que eu vou ser... é... só vou trabalhar por dinheiro, porque não dá para manter as coisas assim. E aí hoje eu estou como monitora remunerada. E eu tive que realmente equilibrar. Eu faço estágio no Instituto de Saúde Coletiva, que foi o que me manteve na faculdade desde a época do BI [...] Não dá para arcar só com as bolsas ou com coisas familiares, com a renda familiar. Então o estágio me deu uma tranquilidade financeira e de poder me sustentar sem virar um ônus constante para outras pessoas. Então eu fui para esse caminho primeiro de pensar soluções internas, sabendo que nem sempre dá para custear todos os gastos e às vezes a gente precisa agregar. (Pequeno Príncipe)

Tal precariedade relacionada ao número de bolsas no curso de Medicina na UFBA é preocupante, já que tais bolsas são consideradas estratégias para a permanência daqueles que não conseguem arcar com as despesas durante a sua permanência no Ensino Superior. De acordo com Brito (2017), estudantes que se encontram nessa situação costumam recorrer aos programas de renda como fonte de suporte para custear os estudos, o que aponta para a relevância dessas bolsas durante as suas trajetórias acadêmicas.

Ainda nessa linha, questiona-se acerca da real democratização do ensino superior, pois, de acordo com Zago (2006), a efetiva democratização do ensino demanda a ampliação do acesso ao curso superior que inclui, dentre outras coisas, a adoção de políticas de permanência voltadas aos estudantes vinculados ao sistema educacional. No relato de Pequeno Príncipe, há a menção às questões financeiras que dificultam a permanência, uma vez que ela afirma que essa é a coisa que mais a incomoda: “*enfim, eu acho que essa é a coisa que mais incomoda, assim, quando naturaliza questões econômicas que são caras, a gente tem coisas extremamente caras e poucas soluções que incluem essas realidades*”.

Para se manter na universidade, Pequeno Príncipe menciona dificuldades relacionadas tanto ao financeiro quanto ao ensino, o que não é um fenômeno particular. Brito (2017), em sua pesquisa, conclui que os estudantes universitários de camadas populares necessitam de suporte financeiro e científico, pois a escola pública - de onde se originam a maioria desses estudantes - apresenta muitas lacunas que dificultam seu ingresso no ensino superior e o acompanhamento dos conteúdos em sala de aula. Além disso, os graduandos costumam buscar programas ou projetos que oferecem tanto a oportunidade de adquirir conhecimento e experiência, como em pesquisa e em extensão, quanto subsídios financeiros que ajudam no custeio das despesas relacionadas à permanência.

Marsico (2018) defende que dentro do sistema escolar (aqui análogo ao contexto universitário) os ambientes - físicos e simbólicos - constituem-se como uma zona fronteiriça ou como um conjunto de fronteiras que devem ser ultrapassadas. Tais fronteiras, para o Pequeno Príncipe, podem ser representadas pelas suas dificuldades financeiras e acadêmicas. Ademais, ainda de acordo a autora, as fronteiras, dentro da zona fronteiriça, são rígidas e permeáveis, e o sujeito encontra sua forma particular de navegar, a depender de suas restrições e do ponto de acesso existente. Partindo desse pressuposto, Pequeno Príncipe, no decorrer de sua trajetória, criou diversas estratégias para ultrapassar tais fronteiras, como a busca constante por estágios na área da saúde, que a ajudava financeiramente, ao mesmo tempo em que lhe fornecia experiência na área. Por fim, durante a sua trajetória na universidade, Pequeno Príncipe assume várias posições do eu (*I-positions*) simultaneamente, cada uma com sua própria voz e experiência: a estudante de camada popular que busca subsídios para acompanhar o curso e passar pelas dificuldades enfrentadas; a estudante de Medicina da UFBA que está no local em que sempre desejou, e a estagiária da área de saúde que enxerga seu emprego como primordial para sua trajetória. Inclui-se, ainda, nessa análise, as posições interpessoais, como ser mulher negra, amiga, filha, dentre outras.

2. Relação com o auxílio estudantil: os impactos em sua permanência na universidade

Pequeno Príncipe recebe auxílio direcionado à alimentação e o complementa com bolsas de estágio internos à instituição de ensino, enfatizando a importância desse complemento à sua sobrevivência, como relata:

Não dá para arcar só com as bolsas ou com coisas familiares, com a renda familiar. Então o estágio me deu uma tranquilidade financeira e de poder me sustentar sem virar um ônus constante para outras pessoas. Então eu fui para esse caminho primeiro de pensar soluções internas, sabendo que nem sempre dá para custear todos os gastos e às vezes a gente precisa agregar [...] E aí cada hora que acaba uma bolsa [estágio], ele [servidor que a auxilia nessas questões] já arruma para poder incluir em outra. E eu digo com tranquilidade que é o que me manteve na faculdade, porque não dá para arcar com os custos por mais. (Pequeno Príncipe)

Durante a sua trajetória, ela relata uma gratidão ao auxílio estudantil ao mesmo tempo em que enfatiza a sua ineficiência:

Experiência de altos e baixos, assim, eu digo, eu digo sempre que é o que me mantém no sentido de permanência. Mas também é muito difícil, porque não dá para tudo [...] Mas acho que é insuficiente para a realidade de Salvador. Acaba que a gente tem que buscar outros mecanismos, mas é o que me mantém hoje, porque dá uma tranquilidade de que vai estar ali, mesmo que uma porta feche. (Pequeno Príncipe)

Silva (2018) destaca que é preciso que os auxílios de permanência estudantil englobem necessidades voltadas não apenas às demandas físicas/biológicas, mas também às de ordem social, psicológica e pedagógica. Esse aspecto é imprescindível, já que tais fatores, ainda de acordo com a autora, quando não supridos, podem resultar em limitações das chances de estudantes originários de camadas populares de permanecerem e concluírem o curso superior.

Outro ponto relevante é a comparação que Pequeno Príncipe faz sobre estar em Medicina e o período no qual cursou o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BI). De acordo com a estudante, o curso de Medicina é ainda mais caro para se manter, retornando ao fato de que “você paga para estudar”:

Então eu acho que essa é a minha relação, de gratidão à PROAE, mesmo sabendo que tem críticas ainda a serem feitas. É muita construção, porque não dá, realmente, para viver com tudo que a gente precisa viver, ainda mais agora em Medicina. Eu comparando com o BI, os gastos em Medicina são muito maiores, a gente se desloca mais, a gente tem que ir para lugares que não são tão acessíveis com transporte público e acaba que nosso horário não é flexível para dar tempo, por exemplo, o transporte público. Então, acho que esses detalhes acabam sendo mais difíceis de conciliar agora do que antes [...] Então acaba tendo uma ideologia de que o aluno de Medicina tem dinheiro para se manter e ele vai pagar para estudar, porque a gente acaba pagando no sentido de ir para os lugares de extensão, estágio. (Pequeno Príncipe)

Essa “ideologia” é explicada pela hierarquização ainda presente nos cursos de alto prestígio, quando posto em relação a outros cursos, onde, em uma escala de alto prestígio de cinco posições construída por Queiroz (2004 apud SILVA, 2018), o curso de Medicina ocupa a primeira posição, demonstrando uma posição discrepante, quando relacionada aos outros cursos, de estudantes brancos e de classe alta concentrados nessa carreira. Não obstante, uma pesquisa realizada por Silva (2018) com estudantes de Medicina da UFBA revelou um perfil de estudantes homogêneos que se caracterizam como oriundos de camadas mais favorecidas economicamente. Visto isso, a autora conclui que práticas seletivas de acesso aos cursos imperiais ainda agenciam a hierarquização dos mesmos, mantendo a desigualdade na universidade como obstáculo à democratização do ensino superior no Brasil.

Esse fenômeno influencia diretamente na trajetória da participante, uma vez que, sendo uma estudante preta e de classe popular, ela segue o caminho oposto ao perfil homogêneo imposto. O que pode acabar gerando uma não identificação ao curso e aos profissionais, se percebendo como uma

“minoria”. Além disso, no decorrer do seu relato é notável uma discrepância entre sua situação socioeconômica e a de seus colegas. Um exemplo disso é a sua insatisfação com os custos da formatura de Medicina que, de acordo com ela, é algo inviável. Sendo assim, evidencia-se uma segregação entre esses estudantes, ou seja, entre os que podem “ostentar” (aqui tomando de empréstimo as palavras da referida estudante) e os que não podem.

3.2.2 Segundo Caso: Caculé

Caculé cursa Direito, está no terceiro semestre, homem cis, tem 21 anos, e é natural do município de Caculé, município baiano. Mora em uma residência universitária (recebe o auxílio moradia) com mais 02 pessoas, se autodeclara pardo e tem uma renda mensal de R\$700,00 fruto do estágio em uma das unidades da UFBA. Considera a bolsa que recebe atualmente satisfatória para arcar com as suas necessidades e a recebe há menos de 01 ano.

Antes de ingressar na UFBA cursou o Instituto Federal Baiano (IFBA). Nesse último, estudava durante a semana e só retornava para casa a cada 15 dias.

1. Diferentes Contextos da Experiência

a. Contexto socioeconômico e o estudante pré-universitário: trajetória até a universidade e a escolha do curso

Caculé estudou no IFBA e fez o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) duas vezes, sendo a primeira como treineiro. Desde o início, o seu desejo era ingressar em Direito, e buscou apoio nas plataformas *online* gratuitas, como canais no *Youtube*, para se preparar para o referido exame. No caso de Caculé, a certeza pelo curso se deu pelos benefícios que a profissão oferece:

O curioso é que, assim, sempre foi Direito, sabe? Tipo, eu vim de família muito humilde até hoje. E aí eu falei assim “Ah, de um de todos os cursos que são considerados grandes, o curso de maior estabilidade, em teoria, era Direito”. Porque no pior dos cenários, você vira concursado e você tem estabilidade, você vai ser aprovado para o resto da carreira. (Caculé)

Aqui, é importante ressaltar duas coisas: “[...] dentre todos os cursos considerados grandes” - *cursos de alto prestígio* - e “[...] no pior dos cenários você vira concursado e você tem estabilidade”. É notável que, para esse estudante, a escolha da profissão passe longe de ser “por amor”, e sim por “um futuro diferente do presente”, tal fato vai contra todos os discursos de que “deve-se trabalhar com o que se ama”. Alguns desses estudantes podem vir a gostar de sua profissão, mas outros podem descobrir que não gostam, formando profissionais frustrados.

Para Caculé, o ingresso da universidade representa uma possibilidade de mobilidade social, em especial no curso de Direito, corroborando o que Teixeira (2007) apresenta ao enfatizar a relação entre estudante de origem popular no curso superior e a busca por mobilidade social por meio da formação

profissional e realização dos seus sonhos. Ou seja, para esses estudantes, o ingresso na universidade é acompanhado pela perspectiva de “ser alguém na vida”.

A partir do momento em que soube que escolheria o curso de Direito, Caculé se dedicou veementemente ao estudo para o ENEM. Como não tinha condições de pagar por um curso preparatório, tal como relata, buscou por plataformas *online* gratuitas para sustentar os seus estudos. Ressalta, ainda, que solicitava constantemente ajuda dos seus professores. Tal esforço demonstra a importância e peso que o ensino superior tem em sua vida. Dessa forma, o ingresso no ensino superior representa uma fronteira entre sua atual situação socioeconômica e uma possível carreira profissional estável. O principal objetivo de estar na universidade, portanto, é a aquisição de capital institucionalizado o qual será convertido em capital econômico (BROCCO, 2017).

De forma similar, Marsico (2018) conclui que a escola (ambiente educacional análogo à universidade) lida com os dois processos: o “entre” - representado por diferentes contextos sociais e antecedentes culturais, que, no caso de Caculé, remete à diferença entre sua origem sociocultural e o que ele vivencia na universidade - e o “em devir” - representado pelo limite entre o que é e o que ainda não é, que aqui pode referir-se como o universitário (o que é) e o profissional (o que ainda não é, mas virá a ser). Nessa perspectiva, de acordo com Valsiner (2012), o self dialógico cria uma tensão entre o “ser como é” e a modelagem do “ser como se fosse”, tal fenômeno é onde nasce o “tornar-se” junto com um movimento direcionado a um novo estado. A posição do eu (*I-position*) de Caculé, representada pelo estudante de Direito, se movimenta em direção ao ser um profissional com estabilidade financeira.

b. Contexto socioeconômico e o estudante universitário

Logo ao ingressar na universidade, Caculé relata que sofreu um “choque de realidade” ao perceber que estava na mesma sala que a filha de um político da sua cidade e de outras pessoas de classes socioeconômicas mais altas, e destaca isso como um fato positivo, por estar no mesmo espaço de oportunidades:

E aí eu falei que eu fui comparar minha situação com a dela, de muitas outras pessoas na minha turma e eu achava bizarro, porque tipo, eu sou filho de um, de um lavrador e de uma doméstica e tem pessoas lá, tipo filhos, filhas de pessoas super importantes, desembargadores, juízes. E eu, à primeira vista eu falei “poxa, eu tô no mesmo espaço de, não de poder, mas de usufruto que eles”. Então para mim era muito positivo (Caculé)

O relato de Caculé, juntamente com o relato anterior de Pequeno Príncipe, demonstra que há uma seletividade de perfis homogêneos no ensino superior, o que indica que os cursos de alto prestígio estão reservados para uma elite que constitui uma “aristocracia das inteligências” (FILHO, 2013).

Caculé estava acostumado a passar 15 dias longe de sua casa, já que fez o ensino médio em outra cidade. Ele também relata que foi mais difícil se acostumar com a distância atual de casa e a imprevisibilidade de retorno:

Mudou um pouquinho quando eu vim para cá, porque eu lembro que eu saí no dia 2 de março do ano passado, a primeira vez que eu vim, que eu vim pra cá, e aí eu conversei com minha mãe e tal. Ela falou assim “você tem ideia de quando você vem?” E eu falei “não tenho”. Eu fui, fui ver ela em julho, no meio do ano. E aí foi um sistema de adaptação que eu não conhecia, porque eu tava acostumado com aquele intervalo de 15 dias, mas que a partir do momento em que eu ficava dois ou três meses fora de casa, eu tive que aprender a criar essa casca grossa. Foi bem por aí (Caculé)

Uma vez em Salvador, Caculé recebeu alguns auxílios da UFBA e manteve uma relação de gratidão, relatando que sem os auxílios não conseguiria se manter estudando na universidade, fazendo questão de enfatizar esse sentimento ao final da entrevista:

Eu só queria dizer que é bem difícil você no meu caso, por exemplo, eu conheço muito poucos casos como o meu. Conheço alguns, mas bem pontuais. Eu, por exemplo, cortei o Estado para vir pra cá pra estudar Direito. E eu sei que é complicado, mas que não é fácil. E gira em torno de políticas como a assistência estudantil garantir que o número de evasão escolar seja menor (Caculé)

Brocco e Zago (2014) sinalizam que diversos desafios estão presentes na vida de jovens de camadas populares que ingressam no curso superior, principalmente aqueles relacionados aos aspectos econômicos e culturais que envolvem o subsídio para custear as despesas da vida universitária. Caculé passa por desafios financeiros e culturais, uma vez que está longe de sua família, sem previsões de retorno para casa - nesses momentos, percebe-se que o “eu filho/irmão/neto” de Caculé assume uma voz importante em relação ao “eu universitário”.

Além disso, o relato de Caculé traz à tona a importância dos auxílios estudantis como uma estratégia de prevenção de evasão de estudantes do ensino superior, já que esse é um fator importantíssimo para a permanência na UFBA. De acordo com Brocco e Zago (2014), o ingresso na sociedade está acompanhado da convivência com a desigualdade social e com um caminho solitário marcado pelo desenraizamento e sentimento de não pertencimento - apesar de passar pelo mesmo fenômeno, a intensidade das reações e estratégias de enfrentamento é particular de cada indivíduo. O relato de Caculé corrobora tal afirmação:

É um contexto bem difícil de falar, porque ao mesmo tempo em que você é um negro estudante de classe popular que vem de baixo e que vai tentar uma alçada nesse mundo, não maior, mas esse mundo diferente, você meio que às vezes pode ficar preso, meio receoso. (Caculé)

Entretanto, de acordo com o relato do estudante, o contato com tais nuances desencadearam sentimentos opostos, como gratidão por estar no mesmo local que as pessoas de classes sociais mais

altas e pela assistência estudantil. Diante do exposto, é notável que Caculé, uma vez dentro da universidade - local que contém fronteiras institucionais -, passou por um processo de relocalização cultural, tendo contato com outros contextos socioeconômicos e fazendo parte desse novo ambiente, muita vezes utilizando recursos simbólicos (como o sentimento de gratidão) e elementos culturais (como o auxílio estudantil) para lidar com a situação.

2. Relação com o auxílio estudantil: os impactos em sua permanência na universidade

Para Caculé, receber o auxílio é um “divisor de águas” que permite a sua permanência na universidade. Tendo tido o direito à residência desde o seu segundo mês em Salvador, ele relata que não seria possível arcar com os custos de um aluguel na cidade durante a sua graduação. Relata, ainda, a importância do auxílio alimentação (bolsa no Restaurante Universitário da UFBA). Os dois auxílios foram complementados por uma bolsa estágio de R\$ 700,00 na instituição, este último em sua área de formação:

Então, se eu, se eu não tivesse essa conjuntura, todos esses três auxílios de ação estudantil na minha vida universitária, provavelmente seria um motivo muito grande de evasão. Porque, sendo bem sincero, eu não sei se minha família conseguiria manter eu por muito tempo aqui. Então acho que foi uma mistura de sorte com merecimento de você ter o auxílio ali e tudo mais e etc. Foi bem por isso (Caculé)

Por fim, Caculé salienta como o auxílio o ajudou a sobreviver em outra cidade:

Eu só queria dizer que é bem difícil você no meu caso, [...] Eu, por exemplo, cortei o Estado para vir pra cá pra estudar Direito. E eu sei que é complicado, mas que não é fácil. E gira em torno de políticas como a assistência estudantil para garantir que o número de evasão escolar seja menor. (Caculé)

Ao “cortar o Estado”, Caculé atravessa uma fronteira fiduciária - produtos de demarcações geopolíticas (MARSICO, 2018b) que representam uma mudança em seu ambiente cultural. Marsico (2016) defende que tal mudança de lugar cultural tem como significado a entrada em um novo domínio cultural e o seu consequente encontro com uma nova “textura cultural”, a qual é composta por diferentes normas sociais, valores morais e orientações religiosas. Portanto, atravessar fronteiras geopolíticas implica em um “*remake*” da identidade do indivíduo.

Nesse sentido, o relato de Caculé aponta para a importância da existência dos auxílios estudantis para a permanência de estudantes de camadas populares na universidade, já que as questões que influenciam tal continuidade nesse ambiente por esses indivíduos são os principais desafios à expansão de oportunidades. Visto isso, salienta-se que a democratização do ensino superior demanda políticas voltadas à ampliação de tal acesso e, para além da universidade, fortalecimento do ensino

público, bem como políticas para a permanência de estudantes no sistema educacional como um todo (SILVA, 2018).

O auxílio estudantil, para o estudante, configura-se como uma ferramenta que o ajuda na permanência no outro lado da fronteira (dentro da universidade) e, por conseguinte, a avançar rumo ao futuro desejado (profissional bem sucedido).

3.2.3 Terceiro Caso: Robin

Robin cursa Engenharia, está no oitavo semestre, é mulher cis e é de Salvador. Mora em uma casa com mais 03 pessoas, se autodeclara parda e tem entre 22 e 26 anos; recebe a bolsa de assistência estudantil direcionada ao transporte há mais de três anos. Atualmente não trabalha, mas está no aguardo da bolsa Monitoria fornecida pela UFBA. Não considera a bolsa que recebe atualmente satisfatória para arcar com suas necessidades.

Antes de ingressar na UFBA, cursou o IFBA e fez o curso técnico em Edificações, entrando na universidade em 2019.2. Relata que “sem auxílio não conseguiria estar presente na universidade”.

1. Diferentes Contextos da Experiência

a. Contexto socioeconômico e o estudante pré-universitário: trajetória até a universidade e a escolha do curso

Para Robin e sua família, a educação sempre ocupou um lugar de destaque. Sua mãe a incentivou veementemente a estudar no IFBA por acreditar que a qualidade de ensino e estrutura eram as melhores, já que não poderiam pagar pelo ensino particular. Posteriormente, pensou que era preciso ingressar no ensino superior, independente do curso, como ela relata a seguir:

Aqui em casa foi uma pressão muito no sentido de vai um pouco além do que a gente foi. A minha mãe fez só o ensino médio, meu pai fez...rapaz, acho que meu pai parou no quinto ano, algo assim. Então minha mãe queria “não, poh, faz o superior”, mas nunca especificou, então poderia fazer línguas estrangeiras que é algo que eu também gostaria [inaudível] proximidade nesse sentido. Mas não teria nenhum problema desde que eu realmente me formasse. (Robin)

A sua primeira escolha foi pela universidade e, em seguida, decidiu-se pelo curso de Engenharia Civil: “*a origem mesmo foi por questão de ‘preciso fazer algum curso superior’. Era a meta, e as situações da vida me fez ir para a área de construção civil*”.

Brocco (2017), ao estudar o significado do ensino superior para estudantes bolsistas, conclui que a universidade se torna um espaço privilegiado para a aquisição de capital cultural institucionalizado, que mais tarde pode ser transformado em capital econômico e que uma parte relevante dessa aposta na maior escolarização dos filhos em busca desse capital econômico vem como uma busca dessas famílias por superar as desigualdades sociais e as dificuldades enfrentadas advindas das condições de trabalho e sua remuneração.

Para Marsico (2018), a educação acontece na fronteira entre o que é presente e o que está por vir, por isso é um processo limiar orientado para o futuro que representa um movimento pessoal em direção a objetivos que reestruturam a vida do indivíduo. Além disso, as fronteiras são criadas como meio que nos auxiliam no movimento em direção a um futuro incerto, mas esperado. De acordo com a autora, a educação se encontra constantemente na fronteira do “além”. Nesse sentido, para os estudantes de camadas populares, a universidade é um caminho para um futuro “estável economicamente”, ou seja, o ensino superior é visto como um acessório para a mobilidade social alimentado pelo desejo de superar sua condição financeira (BROCCO, 2017).

b. Contexto socioeconômico e o estudante universitário

Robin é natural de Salvador e mora há quase 2 horas de distância do transporte público da Universidade. Morando a essa distância da faculdade, ela relata ser esse o seu maior obstáculo, junto com a rotina do curso: “*então, assim, era uma rotina pesada. Então, na UFBA ainda é pesada, mas já veio de uma... tinha vindo de um de um preparo um pouco maior em relação a algumas outras pessoas*”: De acordo com ela :

Primeiro, falando o bairro onde eu moro [...], é um percurso muito longo. Então, sempre alguém se assusta quando fala quanto tempo você leva para chegar em casa e eu respondo “pelo menos 01h30, tanto para ir quanto para voltar”. Eu levo 01h10 para ir se eu for para Ondina, ainda tem que subir a escada da Poli. Então, querendo ou não, acabo levando 01h30 para ir e 01h30 para voltar. Isso se não estiver engarrafado. Porque eu já cheguei a levar 2h10. Então acabava ficando extremamente exaustivo, assim era realmente, tem dias que realmente eu deveria chegar em casa, estudar. Só que eu não tenho muita força para fazer isso. (Robin)

Enquanto moradora de periferia, Robin também enfrenta questões relacionadas à violência que permeia a sua trajetória na universidade:

Isso é um viés de cansaço em si. E quando vem questões de criminalidade, passa a ser um pouquinho mais complexo, então... só em tom de exemplo, teve um período no início do ano passado, porque foi após o carnaval do ano passado, se eu não me engano. Estava tendo, na região do bairro aqui, estava quase uma zona de guerra. Então, assim eu chegava de aula, era a rua toda cheia de viatura do BOPE, teve uma vez que eu contei 16 viaturas, acaba tendo sempre gente que invade a casa pra fazer refém. Então, essa era a realidade quando eu chegava. Então, assim, várias vezes aconteceu isso. Foi um período complicado. (Robin)

Na trajetória de Robin, fica evidente a influência negativa do seu bairro de origem no seu sucesso acadêmico, já que o tempo de deslocamento e a violência constante são fatores que influenciam diretamente a sua vida universitária. Nesse sentido, observa-se uma ruptura nas relações entre o seu meio social e o universitário, constituindo-se também como uma ruptura de fronteiras. Os jovens de camadas populares se encontram entre dois mundos: o seu bairro de origem, geralmente periférico, e o convívio com segmentos de classes mais altas, onde esses indivíduos passam a ter contato com os seus valores (BROCCO & ZAGO, 2014). No caso de Robin, há a transição entre duas principais

posições do eu (*I-position*): a moradora da periferia, com experiências e vivências relacionadas a esse ambiente, e a estudante universitária que se encontra frequentemente em relação a outros estudantes de realidades distintas.

Nesse segmento, é notável que Robin transite entre os dois lados de uma fronteira física/fiduciária diariamente (periferia e universidade), considerando o fato de que as fronteiras são pontos que organizam, definem e regulam a existência tanto social quanto psicológica, criando, ao mesmo tempo, descontinuidade e conexão entre os dois ambientes relacionados que adquirem significados por meio das suas relações (MARSICO, 2016).

Ainda nesse sentido, é importante observar que ocorre um fenômeno de travessia entre fronteiras durante tal deslocamento. Uma vez que cada trânsito ocupa um lugar na vida do indivíduo, tal deslocamento diário feito por Robin, por exemplo, é denominado como um “não-lugar” palco de muitos acontecimentos que fazem parte de sua trajetória universitária e, obviamente, de sua vida. Por isso, tais lugares por onde Robin passa durante o atravessamento de fronteiras são denominados zonas fronteiriças (MARSICO, 2018b). Ou seja, Robin dispõe de tempo e energia no seu dia para conseguir estar na Universidade e, por isso, tal deslocamento e o que acontece nele são cruciais para a sua trajetória.

2. Relação com o auxílio estudantil: os impactos em sua permanência na universidade

Para Robin, a importância do auxílio estudantil está no auxílio transporte, fator imprescindível para que consiga estar presente na universidade e assistir às aulas:

Foi o que deu um suporte aqui em casa pra gente, porque senão não tem como pagar e o custo de transporte acaba sendo muito alto. Então ele é basicamente o que faz com que eu consiga ir [...] Então esse transporte é uma ajuda muito, por que é o que faz o transporte e o pouco que sobra. Mas quando sobrava alguma coisa, era tipo um lanche que precisava ou algo do tipo, geralmente mais pro transporte. (Robin)

Aqui, salienta-se o que já fora mencionado anteriormente: a importância de políticas que garantam a acessibilidade do estudante na universidade. Ingressar em um curso superior é a primeira conquista, mas permanecer nele depende de diversas outras vitórias durante a trajetória, nuances que perpassam diversos fatores como, por exemplo, a mobilidade até à universidade ou mesmo conseguir acompanhar as disciplinas e seus conteúdos.

4 DISCUSSÃO

Como sinalizado anteriormente, para a compreensão dos resultados, é importante destacar alguns conceitos da psicologia cultural semiótica, situados nos três casos analisados.

4.1 MEMBRANAS E FRONTEIRAS CULTURAIS NOS CURSOS DE ALTO PRESTÍGIO NOS CURSOS DE ALTO PRESTÍGIO

Primeiramente, é preciso conceituar “Fronteiras” sob a perspectiva da Psicologia Cultura: elas “definem, organizam e regulam a nossa existência social e psicológica [...] criam descontinuidade e conexão entre dois campos relacionados que adquirem significado através de suas relações” (MARSICO, 2016, p. 206-209, tradução livre). Os estudantes universitários estão constantemente lidando com a presença de fronteiras físicas e subjetivas, principalmente ao adentrarem em cursos de alto prestígio, uma vez que, historicamente, foi-se impondo que “o lugar de jovens pobres e pretos não é na universidade” - há, então, uma fronteira artificial - que é o resultado de demarcações políticas, sociais, administrativas ou convencionais - a qual medeiam a relação ambiente e pessoa, orientando o comportamento e funcionamento mental (MARSICO, 2016).

Quando estudantes de camadas populares atravessam a fronteira física e subjetiva da universidade, eles estão, então, no seletivo grupo de acadêmicos universitários. Para Marsico (2016), a mudança de ambiente envolve, principalmente, entrar em um novo domínio simbólico, se deparando com uma cultura diferente, bem como com normas sociais, valores morais e orientações religiosas distintas. Ou seja, cruzar fronteiras tem como consequência um remake de identidade pessoal, impactando em transformações no self do estudante. Nesse viés, partindo do pressuposto de que a entrada na vida acadêmica vai além de questões relacionadas a lidar com um novo cenário social, estando diretamente ligado a um processo de reposicionamento identitário, relocalização cultural e construção de novos significados (DAZZANI & MARSICO, 2018), conclui-se que, para esses estudantes, há ainda outras fronteiras simbólicas a serem ultrapassadas.

Entretanto, de acordo a própria definição, as fronteiras são um ponto de contato entre dois mundos e culturas diferentes, podendo ser vistas como um limiar que permite o trânsito entre os seus dois espaços, funcionando, em termos biológicos, como uma “membrana” (que permite a transferência bidirecional de algo de dentro para fora do nosso sistema biológico, permitindo, dessa forma, o movimento celular mais amplo dentro desse ambiente). Da mesma forma, a fronteira é inherentemente permeável, podendo ser ultrapassada a qualquer momento em ambas as direções, tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro, existindo para ser cruzada. Ainda nessa linha, segundo Marsico (2016), atravessar a fronteira altera a relação entre o espaço, o indivíduo e ela, gerando consequências tanto para quem a atravessa como para quem o acolhe no lado de dentro, podendo recebê-lo com reconhecimento ou marginalização.

Como Valsiner (2012) destaca, uma vez entendido como as fronteiras funcionam, aprofunda-se ainda mais nesse tema ao se concluir que a liminaridade presente na fronteira não está apenas dentro de conglomerados sociais ou físicos, mas também está presente no curso da vida em desenvolvimento, sendo o momento atual esta fronteira: move-se a partir do passado pessoal em direção ao futuro

esperado. Em outras palavras, a fronteira do presente separa o futuro ainda não conhecido do passado já vivido.

4.2 SELF DIALÓGICO NA VIDA ESTUDANTIL

Quando se transpõe a noção de diálogo entre pessoas para o diálogo intrapsicológico, onde têm-se diferentes “partes” do self sendo representada por suas “vozes”, chega-se ao self dialógico. Dessa forma, as pessoas funcionam com base em dois processos: heterodiálogo - diálogo com o outro, que pode ser imaginário - e autodiálogo - dentro do self. O self dialógico é uma entidade teórica que existe por meio de um processo de relações dialógicas entre seus componentes.

O self dialógico substitui a noção de self nuclear - visto como “núcleo” central - a partir do conceito de Posições do Eu (*I-Positions*), conceito cunhado por Hermans e Kempen (1993). De acordo com esses autores, o “eu” flutua entre posições diferentes e opostas que têm suas vozes, como em personagens de histórias, onde cada uma tem uma história e uma perspectiva própria. Esses “personagens” estão em constante troca de informações sobre seus respectivos “mim-s”, acarretando em um self complexo com múltiplas posições (algumas mais dominantes do que outras).

Com base nesse estudo, comprehende-se que o self dialógico participa da construção e transformações na trajetória de vida do estudante, em que o heterodiálogo ocorre na interação com os indivíduos do contexto educacional, e o autodiálogo se dá na relação consigo mesmo. Ressalta-se que esse processo é mutuamente ativo, em que ambos (dimensão social e dimensão individual) influenciam-se simultaneamente, gerando um resultado único e singular para cada contexto de vida.

Do mesmo modo, outros fatores poderão impactar de maneira singular a trajetória de vida de cada estudante, como estudar em cursos de alto prestígio e ser, ao mesmo tempo, membro de programas de assistência estudantil. O estudante que deriva das camadas populares da sociedade pertence a uma classe socioeconômica que, geralmente, tem uma renda familiar menor do que muitos dos colegas inseridos nos cursos de alto prestígio.

4.3 CURSOS DE ALTO PRESTÍGIO E PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: REFLEXOS NA VIDA DOS ESTUDANTES

Coelho (1999) e Vargas (2010) nomeiam como profissões imperiais a Medicina, o Direito e as Engenharias, visto que historicamente, ainda de acordo com os autores, elas produziram práticas de monopólio que reforçaram suas posições de destaque e prestígio social. Uma vez que grupos profissionais são, também, grupos sociais que organizam suas relações de forma a influenciar sua estruturação e hierarquização do mundo social como um todo (Vargas, 2010), tais cursos conservam uma cultura marcada por exclusão e agrupamento de estudantes provenientes das camadas sociais mais altas (SILVA, 2019). Ademais, Queiroz (2001) define como profissões de alto prestígio Direito,

Psicologia, Odontologia, Medicina, Administração, Arquitetura, Engenharia Civil, Ciência da Computação. O autor observa, também, que estudantes de segmentos raciais mais claros e com status socioeconômico são os que mais estão representados nessas carreiras. Posteriormente, o autor adicionou os cursos de Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Processamento de Dados (no lugar de Ciência da Computação) e Engenharia Química à supracitada classificação (QUEIROZ, 2004).

É importante observar quais aspectos envolvem a escolha de um curso superior, uma vez que tal escolha é o resultado de um conjunto de percepções que o vestibulando sustenta em relação a si e ao ambiente em que está inserido, puxando uma correlação entre lugar social e percepção individual (VARGAS, 2010). Percebe-se, dessa forma, que há carreiras previamente possíveis e impossíveis, já que a eleição de uma dessas carreiras vai além das condições físicas e aptidões individuais, contando também com condições individuais e sociais que encaminham para tal.

Diante das dificuldades econômicas encontradas por grande parte da população brasileira para acessar os cursos de alto prestígio, muitas vezes é necessário o suporte de programas de assistência estudantil para a permanência. Posto isso, questiona-se previamente qual o conceito de *permanecer*, que, para Silva (2019), é sinônimo de proximidade, determinação, resiliência e tenacidade, constitui-se como um processo estabelecido mediante o diálogo contínuo entre constância de continuidade e emergência de descontinuidades causadas por interrupções advindas de mudanças. Permanência seria o ato de permanecer ao longo do tempo e de criar alternativas de (r)existência.

Silva (2019) salienta, em sua dissertação, que para os alunos de famílias mais abastadas, entrar na universidade e realizar uma graduação é um caminho provável e natural, é mais uma etapa no desenvolvimento da vida escolar e garanti-lo faz parte dos seus objetivos. Por outro lado, para alunos de camadas populares, a universidade representa o oposto, é uma etapa dissociada na vida escolar, um sonho distante para aqueles cujo principal objetivo é a sobrevivência em meio a uma vulnerabilidade social esmagadora.

Com a implementação de ações, a exemplo da reserva de vagas para esses estudantes de camadas populares nas universidades públicas do país, indivíduos pretos, pobres e de escolas públicas têm conseguido ultrapassar tal barreira exclusiva para a camada mais abastada, e iniciar sua trajetória na graduação. Entretanto, percebe-se no cotidiano da universidade o que Portes e Souza (2012) assinalam: apenas abrir as portas dessas instituições para que esses estudantes de estratos mais empobrecidos ingressem não é o suficiente, pois a democratização real da educação exige que políticas de permanências sejam eficientes e garantem que esses estudantes consigam permanecer na universidade e concluir suas trajetórias com sucesso. Entretanto, essa conquista é marcada por obstáculos, desde o ingresso até a finalização do curso. Durante esse período, há um longo caminho pela frente, qual seja, a busca pela permanência.

Por meio da Portaria normativa Nº 38 (2007), o Ministério da Educação instituiu o PNAES (Programa Nacional de Assistência Estudantil), que se efetiva por meio das ações de assistência estudantil ligadas ao desenvolvimento de atividades relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão com a finalidade de viabilizar a melhoria do desempenho acadêmico dos estudantes beneficiados, agindo previamente e evitando situações de repetência e evasão causada por motivos de insuficiência financeira. Tais ações compreendem as seguintes áreas: moradia, alimentação, transporte, assistência à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico.

Na UFBA, para fazer cumprir tal portaria, foi criada a Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE), cujo objetivo é:

concentrar esforços e otimizar os recursos destinados a garantir a permanência de estudantes de graduação em situação de risco social e realizar o enfrentamento à perpetuação das desigualdades sociais e à discriminação de grupos historicamente excluídos dos espaços legitimados de poder (Universidade Federal da Bahia [UFBA], s.d)

Em consonância com as diretrizes do PNAES, tal órgão busca 1) assegurar a permanência de estudantes que se encontrem em situação de vulnerabilidade socioeconômica e b) construir uma universidade mais democrática para que as diversidades individuais e socioculturais não se tornem desigualdades de oportunidades (UFBA, s.d). Infelizmente, essa ainda não é uma realidade de todos os estudantes que precisam, uma vez que, apenas 10.069 discentes receberam os benefícios em 2023 (UFBA em números, 2023)

Decerto, cabe analisar como tais programas influenciam a trajetória dos jovens de camadas populares na universidade, em especial nos cursos de alto prestígio, uma vez que são utilizados como artifícios para a permanência dos mesmos na graduação, e esse foi um dos objetivos do estudo realizado. Quando tais artifícios não são eficientes, alinhados a outros fatores, têm-se um fenômeno preocupante, a evasão, ou eliminação, que é quando há a interrupção/abandono do curso (auto-eliminação) por iniciativa do estudante após um período em que ele/ela não atinge a sua “afiliação intelectual ou institucional”, levando-o à desistência do curso e da universidade (Santos & Silva, 2011)

É notável que os jovens de camadas populares ultrapassam barreiras para chegar ao curso universitário, que vão desde o seu ambiente social até a própria seleção oficial, que é extremamente acirrada: o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), onde, quando não competem diretamente com jovens de camadas abastadas, que foram educados nas melhores escolas da região e tiveram uma trajetória de privilégios, competem entre si por uma quantidade limitada de vagas direcionadas às cotas. Santos e Silva (2011) apresentam outros tipos de seleção que operam dentro da universidade, que incluem fatores tais como: organização dos currículos, hierarquia estabelecida entre os tipos de diploma, dificuldades encontradas pelos estudantes para suprir as exigências dos professores, casamentos, filhos e trabalho.

Entende-se que essa competição entre colegas, por disputas de lugares de poder, podem trazer reflexos prejudiciais sobre o self dialógico do estudante, no diálogo com um meio competitivo que coloca alguns como “perdedores” e outros como “vencedores” na dinâmica social, impactando inclusive seu futuro em sua trajetória de vida.

Visto o exposto, a partir da análise e produção de dados, chegamos a algumas similaridades entre os entrevistados.

É importante observar que todos os entrevistados se autodeclararam negros (pardos e pretos), se tornando a raça uma variável implícita nessa pesquisa, que faz parte da experiência de Pequeno Príncipe, Caculé e Robin. Os estudantes negros passam por sucessivas faltas de oportunidades causadas tanto pela classe social quanto pelo tom de pele, durante as suas vivências pré-universitárias, e durante a formação (SANTANA, 2022).

Nesse contexto, a diferença entre as experiências de transição entre outros níveis escolares para a de transição ao contexto universitário é que o último advém de uma nova relevância assumida por meio da projeção de si em um futuro desconhecido e, ao atravessar essa fronteira entre a universidade e o que está externo a ela, o indivíduo enfrenta reposicionamentos e realocações em seus ambientes simbólicos e sociais, utilizando-se de elementos culturais e recursos simbólicos para lidar com tal situação (DAZZANI & MARSICO, 2018). Por isso, é de extrema importância voltar o olhar para a trajetória dos estudantes na zona fronteiriça *entre* o “vestibulando” e o “universitário”.

Com relação aos diferentes contextos da experiência, especificamente quando se olha para a trajetória dos estudantes até a escolha do curso, percebe-se que, como é possível observar nos três casos - mais fortemente nos relatos de Caculé e Robin -, a escolha do curso se dá pelas simbologias que tais cursos representam socialmente, junto com a representação do ensino superior, que é permeado pelo desejo de ascensão profissional, dando ao ensino superior um cunho predominantemente profissionalizante. Nesse sentido, Teixeira (2007) observa que o anseio experienciado pelos jovens por “ser alguém na vida” está vinculado à maneira como os estudantes veem a universidade, que diz respeito a dois caminhos, independente da área de estudos: o reconhecimento social (dos outros, da sociedade) e a expectativa de conseguir um bom emprego - que, por sua vez, deve refletir e materializar o comprometimento em torno de uma estratégia de longo prazo que conecta educação e trabalho, destacando a função profissionalizante do ensino superior.

Esse aspecto é enfatizado nas entrevistas dos participantes da pesquisa aqui relatada, como vemos nos trechos a seguir:

Mas a origem mesmo foi por questão de “preciso fazer algum curso superior” (Robin)

[...] E aí eu falei assim “Ah, de um de todos os cursos que são considerados grandes, o curso de maior estabilidade, em teoria, era Direito” (Caculé)

Eu poderia conhecer outras coisas e gostar de outras coisas, só que para os meus pais era não, Ela tá indo, vai fazer, vai terminar o BI, se passar para Medicina passou. Se não passar, não passou (Pequeno Príncipe)

Ainda nessa linha, percebe-se que, para universitários bolsistas, o ensino superior constitui-se como um signo que representa uma “vontade de mudar de vida”, que inclui a melhora não apenas de suas condições individuais, como também coletivas, abrangendo suas famílias e, em menor proporção, sua classe social. Tal significado gira em torno de adaptações, necessidades, expectativas e interesses (BROCCO, 2017). Isso é explicitado pela fala de Pequeno Príncipe e de Caculé, respectivamente:

Eu entrei em 2018 e já são seis anos na UFBA. E eu preciso, eu... essa é a palavra mesmo. Eu preciso me formar, não é mais a vontade. Eu já ouvi alguns professores “não, vocês tem que cursar pelo prazer de cursar”. Não é realidade para mim estar na UFBA pelo prazer de cursar. Eu preciso disso aqui. Eu vejo a universidade como a minha oportunidade de vida, assim, que eu agarrei com toda a minha força e eu quero viver com toda a minha força (Pequeno Príncipe)

Era uma situação de que alguém de camada popular há poucos anos não tinha plena condição de estudar, tanto que, por exemplo, meus pais, eles não estudaram. Mas assim, a partir do momento em que eles falaram olha, a gente vai incentivar você a estudar e que você consiga pelo menos fazer uma faculdade. E foi o que aconteceu (Caculé)

Como já foi indicado anteriormente, a educação constitui-se como um processo limiar orientado para o futuro, no entanto, entre o presente e o que está por vir. Nesse contexto, para Marsico (2018b) a educação lida com os acontecimentos do “ainda não”, acarretando um cenário de travessia. Ou seja, a educação é realizada em uma zona fronteiriça, cruzando a linha entre o “aqui” e o “além”, servindo para o desenvolvimento futuro e funcionando na fronteira entre “o real e o possível”. Porém, a autora observa que o que é possível para uma pessoa pode não ser possível para outra que se encontra em diferentes contextos socioculturais. Utilizando a universidade como uma fronteira institucional para o desenvolvimento educacional de seus estudantes, para essas três pessoas entrevistadas, a instituição universitária representa uma zona fronteiriça entre o presente e o “sonho de ser alguém na vida”.

Além disso, o presente desses estudantes encontra-se como uma fronteira entre o passado repleto de experiências que o levaram à escolha de seus cursos e o futuro desejado - que é a mobilidade social. A todo momento, dentro da universidade, esses estudantes se encontram na fronteira do presente que, por sua vez, é o local de nascimento do próximo instante presente, os levando ao processo de transformação do “jovem universitário” para o “profissional”: configurando-se como um processo de emergência do novo (VALSINER, 2012). Nesse sentido, esses estudantes se confrontam diariamente com diferentes vozes de diferentes posições do “eu” que compõem o seu self, cada uma com vivências e experiências singulares que os ajudam na complexa percepção de si e do seu lugar no mundo e nos ambientes em que frequentam.

Ao analisar a trajetória do estudante universitário e o contexto socioeconômico é possível perceber similaridade nos relatos de Pequeno Príncipe e Robin ao relatarem certo distanciamento e insegurança relacionados ao conteúdo do curso, questionando se conseguiriam dar conta ou não do conteúdo dos cursos:

Acho que o primeiro choque foi pegar alguns componentes, por exemplo, anatomia, que era muita coisa. Em vários momentos eu dizia não, não vou dar conta disso aqui, Meu Deus, é coisa demais. Eu não vou conseguir estudar tudo e se eu não aprender tudo isso, eu vou ser uma médica horrível. Acho que essa sensação de ser um profissional ruim é um medo que acompanha a gente no curso em vários momentos [...] Mas acho que no primeiro semestre eu enlouqueci assim, no sentido de meu Deus, é muita coisa, não vou dar conta [...] Mas ainda dá receios. Eu acho que é uma profissão que infelizmente pede excelência. (Pequeno Príncipe)

Então eu fui direto pra faculdade na UFBA, então, nunca tive essa prática, então eu ainda tinha muita dúvida no sentido de eu como profissional, eu atuando, eu não me via nesse sentido, muito nesse viés acadêmico, nem acadêmico, porque acadêmico tem o viés de pesquisa, no viés de nota: prova/nota. E aí foi uma mudança nesse sentido de incerteza, sabe, do que que eu, se eu ia seguir ou não [...] Então acaba que a gente pensa “como é que vai ser daqui para lá?” Porque ainda falta muito, longos anos. Será que eu vou conseguir atuar? (Robin)

Tais relatos revelam que os desafios não são apenas financeiros, pois no contexto da universidade pública os estudantes demandam um suporte financeiro e científico, considerando as lacunas da educação básica pública (BRITO, 2016). Nesse cenário, Filho (2013) confere a existência de um perfil selecionado e homogêneo nas salas de aula universitária que evidencia o quanto desses cursos permanecem reservados a uma elite que compõe a construção de uma “nobreza imperial das inteligências”.

As fronteiras socioculturais são um produto humano que pode ser palco tanto da promoção do desenvolvimento humano quanto de um conjunto de constrangimentos e limitações que produzem e reproduzem desigualdades sociais. Portanto, ao atravessar uma fronteira, há uma alteração na relação entre o indivíduo, o espaço e a própria fronteira. Tal movimento pode provocar diferentes reações nas pessoas, resultando em atitudes de rejeição ou aceitação, inclusão ou exclusão, reconhecimento ou marginalização de quem entrou. (MARSICO, 2018b)

Ao darmos destaque à importância do auxílio estudantil, todos os relatos dos participantes trouxeram consigo sua relevância, especialmente na prevenção da evasão da universidade:

então, se eu, se eu não tivesse essa conjuntura, todos esses três auxílios de ação estudantil na minha vida universitária, provavelmente seria um motivo muito grande de evasão (Caculé)

então, sem o auxílio, eu não conseguiria estar presente na universidade (Robin)

Assim, o auxílio estudantil se configura como uma ferramenta para lidar com o novo contexto e as novas necessidades causadas pelo atravessamento para a fronteira institucional (universidade),

tornando-se um signo promotor do atravessamento de fronteiras que é um elemento facilitador para a permanência dos estudantes na zona fronteiriça.

Diversos desafios constituem a vida dos estudantes de camadas populares ao adentrarem no ensino superior. Os obstáculos se referem tanto a aspectos econômicos quanto culturais, que surgem em torno do financiamento dos custos da vida na universidade e a diferença entre o mundo do estudante de camada popular e o mundo intelectualizado das classes médias e altas (ZAGO, 2014). Fica evidente, portanto, a importância de políticas para além da ampliação do acesso, alcançando a garantia da permanência dos estudantes, ajudando-os a enfrentarem e superarem os desafios que permeiam as suas trajetórias.

De acordo com Silva (2018), para que haja uma democratização da educação superior, é necessário que haja políticas voltadas à ampliação do acesso e ao fortalecimento do ensino público anterior à universidade, com políticas de permanência de estudantes nesses ambientes. Dessa forma, as questões ligadas à real continuidade de acesso e permanência desses estudantes se constituem como os principais desafios à expansão de possibilidades.

As fronteiras possuem três características ambivalentes: diferenciam e identificam simultaneamente, conectam enquanto dividem - incluindo e excluindo - e diminuem a ambiguidade ao mesmo tempo em que a aumentam (MARSICO, 2016). Por meio dos relatos de Robin, Caculé e Pequeno Príncipe, foi possível perceber todas essas características na Universidade Federal da Bahia, uma vez que, ao adentrar na instituição, todos os estudantes da mesma são universitários e se identificam como um corpo atrelado ao seu curso. Entretanto, as ferramentas de diferenciação e segregação são notáveis e foram relatadas principalmente por Pequeno Príncipe; da mesma forma em que esses sujeitos são incluídos, eles também são excluídos diariamente ao enfrentar obstáculos como o simples retorno para a periferia e passar longas horas se deslocando, a exemplo do que que foi relatado por Robin.

Por fim, é importante observar que as histórias relatadas aqui são histórias de estudantes negros, egressos de escolas públicas, que se somam a muitas outras histórias que foram invisibilizadas. Essas histórias transitam dentro das Instituições de Ensino Superior e, principalmente, nos cursos de alto prestígio (Santana, 2022).

5 CONCLUSÃO

O estudo buscou analisar a influência exercida pelos marcadores sociais na trajetória de formação dos estudantes de camadas populares, tendo como pontos-chave da trajetória: escolha do curso, o contexto socioeconômico do estudante universitário e a permanência na universidade. Para tal compreensão foi feito um compilado teórico, entrevistas individuais a três estudantes e, por fim, análise do material coletado e produzido. Os resultados obtidos evidenciam que o contexto socioeconômico é

um ponto crucial para os graduandos dos cursos de alto prestígio. Foi explicitado, também, os momentos cruciais do atravessamento das linhas fronteiriças presentes tanto no contexto pré-universitário (vestibulando) quanto durante o curso de graduação (universitário), chegando-se à conclusão de que essa é uma zona fronteiriça entre o presente e o que se espera do futuro atrelado à mobilidade social. Diante do exposto, conclui-se que o auxílio de permanência estudantil, apesar de não completamente satisfatório, tal como desejado, é o principal instrumento para subsidiar a continuidade de jovens de camadas populares nos cursos chamados “imperiais”. Ficou claro, portanto, que, para a real democratização do ensino superior, ainda há um longo caminho a ser percorrido. Tais conclusões enfatizam a importância de voltar o olhar para as trajetórias dos estudantes de camadas populares em cursos de alto prestígio, uma vez que eles passam por desafios econômicos, científicos e culturais ao adentrarem um espaço ainda fortemente hierarquizado e do qual foram historicamente excluídos.

Houve algumas limitações no decorrer do estudo, incluindo o baixo número de estudantes entrevistados e, por questões burocráticas, o não acesso a dados estatísticos sobre o contexto socioeconômico dos alunos desses três cursos na UFBA. Além disso, limitou-se também a exploração de outros conceitos relacionados às fronteiras, uma vez que ainda há uma escassez de literatura acerca da temática e, como uma terceira limitação, não houve um aprofundamento acerca da influência da raça e de outros marcadores sociais relacionada às trajetórias de estudantes universitários de camadas populares. Para estudos futuros, sugere-se a participação de um maior número de participantes e a busca por dados estatísticos, para que se tenha um maior embasamento a respeito do contexto socioeconômico dos estudantes universitários. É importante, do mesmo modo, que sejam realizados estudos mais detalhados sobre as possíveis causas de evasão, atentando-se para a influência do contexto socioeconômico e de outros marcadores sociais nesse processo. Por fim, este artigo procurou contribuir para a compreensão das dificuldades enfrentadas e fronteiras atravessadas por estudantes de camadas populares em três cursos de alto prestígio da Universidade Federal da Bahia, investigando o papel do Programa de Assistência Estudantil para a permanência na universidade.

AGRADECIMENTOS

Maria Virgínia Machado Dazzani agradece o apoio financeiro das seguintes agências brasileiras de pesquisa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq-PQ, Brasil/Número do processo: 307784/2022-3 e CNPq, Brasil/Número do processo: 435602/2018-7) e Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES-PRINT/Universidade Federal da Bahia, Brasil/Número do processo: 88887.568332/2020-00).

Evelyn da Silva Santos agradece ao Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal da Bahia (PIBIC-UFBA), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao grupo de pesquisa Investigações em Psicologia Cultural: Cultura, Linguagem, Transições e Trajetórias Desenvolvimentais (CULTS).

Beatriz Ribeiro Cortez Cardozo Barata de Almeida Hessel agradece à agência de fomento em pesquisa Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), e ao grupo de pesquisa Investigações em Psicologia Cultural: Cultura, Linguagem, Transições e Trajetórias Desenvolvimentais (CULTS).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa nº 39, de 12 de dezembro de 2007: Institui o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Brasília, DF, dez. 2007.

BRITO, E. C. de. Costurando sonhos e bordando histórias de vidas de jovens pobres: desatando nós do acesso e permanência no ensino superior. 2016. Monografia (Licenciatura) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

BROCCO, A. K. "Aqui em casa a educação é muito bem-vinda": significado do ensino superior para universitários bolsistas. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, DF, v. 98, n. 248, p. 94-109, jan./abr. 2017.

BROCCO, A. K.; ZAGO, N. Relação estudo e trabalho entre universitários bolsistas de camadas populares. In *Reunião Científica Regional da ANPEd Sul: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Governamentais*, , 2016, Curitiba: Setor de Educação da UFPR, 2016. p. 1-15.

COELHO, E. As profissões imperiais: Medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FILHO, J. Escopo seletividade ao ensino superior. *Revista Educação e Seleção*, São Paulo, v. 21, n. 13, p. 19-30, jul./dez. 2013.

GOMES, R.; DAZZANI, V.; MARSICO, G. O papel da “responsividade” dentro do self nas transições para a universidade. *Cultura e Psicologia*, Londres, v. 24, n. 1, p. 49-59, fev. 2018.

HERMANS, H. J. M.; RIJKS, T. I.; KEMPEN, H. J. G. Imaginal dialogues in the self: Theory and method. *Journal of Personality*, Malden, v. 61, n. 2, p. 207–236, jun. 1993.

MARSICO, G. The borderland. *Culture & Psychology*, Londres, v. 22, n. 2, p. 206-215, jun. 2016.

MARSICO, G. The challenges of the schooling from cultural psychology of education. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, Dordrecht, v. 52, p. 474-489, dez. 2018a.

MARSICO, G. Development and education as crossing socio-cultural boundaries. In: ROSA, A; VALSINER, J. *The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018b. v. 2, p. 302-316.

PORTE, É.; SOUSA, L. O nó da questão: a permanência de jovens dos meios populares no ensino superior público. In: *SEMINÁRIO 10 ANOS DE AÇÕES AFIRMATIVAS: CONQUISTAS E DESAFIOS*, 2012, Rio de Janeiro.

SANTANA, V. T. Narrativas de estudantes cotistas em curso de alto prestígio social da Universidade do Estado da Bahia. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 22, n. 250, p. 77-88, nov. 2022.

QUEIROZ, D.M. Raça, Gênero e Educação Superior. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, 2001.

QUEIROZ, D.M. O negro e a universidade brasileira. *Revista História Actual Online* 2004, n. 3, p. 73-82, fev. 2004.

OLIVEIRA, S.S de. Afiliação Universitária: trajetórias de estudantes cotistas e não cotistas em cursos de alto prestígio social na Universidade Federal da Bahia. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, 2001.

SANTOS, G. G. dos; SILVA, L. C. da. Evasão na educação superior: entre debate social e objeto de pesquisa. In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.). Observatório da vida estudantil: primeiros estudos. Salvador: Edufba, 2011.

SILVA, S. A. Travessias improváveis: permanência de estudantes das camadas populares no curso de Medicina da Universidade Federal da Bahia. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

TEIXEIRA, A. M. F. A universidade entre as palavras de jovens de origem popular. In: SANTOS, G. G. dos; SAMPAIO, S. M. R. (Orgs.). Observatório da vida estudantil: estudos sobre a vida e culturas universitárias. Salvador: Edufba, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Conheça a PROAE. [s.d.]. Disponível em: [\[https://proae.ufba.br/pt-br/conheca-proae\]](https://proae.ufba.br/pt-br/conheca-proae).

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. UFBA em Números 2023. Salvador, 2023. Disponível em: [\[https://proplan.ufba.br/sites/proplan.ufba.br/files/ufba-em-numeros-2023_ano-base-2022_-_final.pdf\]](https://proplan.ufba.br/sites/proplan.ufba.br/files/ufba-em-numeros-2023_ano-base-2022_-_final.pdf).

VALSINER, J. Fundamentos da Psicologia Cultural. São Paulo: Artmed, 2012. v. 1.

VARGAS, H. M. Sem perder a majestade: “profissões imperiais” no Brasil. Estudos de Sociologia, Araraquara, v. 15, n. 28, p. 119-138, jan./jun. 2010

YIN, R. K. Pesquisa qualitativa do início ao fim. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226–237, maio/ago. 2006.